



Ensino Português no Estrangeiro: Concursos para professores e leitores Novos coordenadores

PÁGINA 2

CVC

Cursos
a distância
privilegiam
formação
de professores

PÁGINA 2

**Dockanema
reflete sobre
cinema em
Moçambique**

PÁGINA 3

**Bienal
do Muvart
em Maputo**

PÁGINA 3

**Apoios
à edição:
prioridade
às línguas
asiáticas
em 2011**

PÁGINA 4

**Evocar
Malhoa em
centenário
de museu
chileno**

PÁGINA 4

Rede EPE Primeiro concurso de professores organizado pelo IC

Um total de 114 candidatos foi apurado para integrar a reserva de recrutamento de professores do ensino pré-escolar, básico e secundário da Rede de Ensino Português no Estrangeiro (EPE), no primeiro concurso organizado pelo Instituto Camões desde que a instituição passou a tutelar este ano aqueles níveis de ensino no exterior.

É a partir destes candidatos que são preenchidas as 58 vagas existentes no pré-escolar, básico e secundário da Rede EPE, no ano letivo de 2010/2011, publicadas em *Diário da República* (DR), e mais aquelas que o normal movimento dos docentes mostrou terem entre tanto surgido.

Este processo tinha a sua conclusão prevista para 16 de setembro, ou seja, dois dias depois do fecho de redação deste suplemento, com o preenchimento das vagas existentes nas redes, depois de os candidatos apurados terem indicado as suas opções de colocação, tendo em conta a sua graduação no concurso.

A rede EPE no pré-escolar, básico e secundário, cujo mapa total, apresentando 520 horários, foi publicado em DR, em agosto passado, cobre a Alemanha (47 horários completos/14 incompletos), Andorra (2/3), Bélgica (8/1), Espanha (42/11), França (60/65), Luxemburgo (46 horários todos completos), Holanda (8 horários todos incompletos), Reino Unido (10/24), Suíça (116/23), África do Sul (32, todos completos), Nami-



Sede do Instituto Camões, em Lisboa

bia (6 completos) e Suazilândia (2 completos). De fora estão ainda outras regiões e países, onde já existem coordenações do EPE, como os Estados Unidos, Canadá e Venezuela, cujo recrutamento de docentes é feito localmente.

O concurso, lançado em 13 de abril passado, decorreu em simultâneo com um outro, destinado à seleção de leitores de língua e cultura portuguesas para as vagas existentes na rede do IC no ensino superior no estrangeiro e em organizações internacionais, de que resultou o apuramento de 20 candidatos. A preencher estavam

vagas de leitor em 19 universidades de 18 países.

Nos mapas saídos em agosto passado em DR, foi igualmente publicada a constituição da rede de cursos do ensino português no ensino superior no estrangeiro, no ano letivo der 2010-2011, num total de 76 postos em 48 países, ocupados normalmente por leitores, mas também por outros docentes, que acumulam ainda funções em mais 95 instituições nesses países (centros de língua portuguesa, embaixadas, ministérios, institutos diplomáticos, programas e projetos de apoio ou formação pedagógi-

ca, organizações internacionais, etc.). A estes há que acrescentar os numerosos docentes de língua e cultura portuguesas apoiados pelo IC no quadro de protocolos com instituições universitárias estrangeiras.

A integração do ensino português no estrangeiro nos níveis superior e não superior no quadro de uma rede única, concretizada no âmbito da reestruturação do Instituto Camões, legislada pelo Governo em 2009, e expressa, nos países em que existem coordenações de ensino (v. artigo neste suplemento), na sua junção sob a competência (pedagógica e administrativa) destas, vai permitir uma utilização mais racional dos recursos, nomeadamente nos aspetos relacionados com apoio pedagógico e de formação.

Uma das primeiras preocupações neste domínio vai ser aliás a formação dos professores da rede EPE no contexto da aplicação do novo Acordo Ortográfico (AO) da Língua Portuguesa. Diversas ações de formação sobre o AO têm vindo já a ser efetuadas por centros e leitorados do IC, destinadas tanto aos docentes da rede EPE como a professores de português das redes oficiais de ensino de diversos países onde a disciplina existe.

O concurso de professores do ensino básico e secundário da rede EPE compreendeu três fases: inscrição através de uma plataforma eletrónica, no âmbito da qual os candidatos apresentavam as suas habilitações académicas e currículos para os lugares, a realização de uma prova de conhecimentos, englobando aspetos relativos a linguística, didáctica e cultura portuguesa contemporânea, e uma prova de avaliação psicológica. Uma das condições exigidas aos candidatos era o domínio comprovado da língua ou línguas estrangeiras que correspondiam às áreas consulares a que concorriam.

CVC Cursos a distância privilegiam formação de professores

Até 29 de setembro estão abertas as inscrições em linha para os cursos a distância do Instituto Camões (IC), no ano letivo de 2010-2011, com um total de 487 vagas.

Com exceção do curso de Cultura Portuguesa Contemporânea, que é anual, os restantes 16 cursos, pagos, têm uma duração semestral. A seleção de candidatos terá lugar entre 30 de setembro e 1 de outubro e o início dos cursos do 1º semestre está previsto para 13 de outubro.

Tal como ocorreu em 2009/2010, o Centro Virtual Camões – a plataforma de ensino a distância do IC – disponibiliza cursos de formação de professores, este ano em número de cinco. São eles: 'A Novíssima Poesia Portuguesa'; 'Laboratório de Escrita Criativa – Nível Introdutório'; 'Literaturas Africanas de Língua Portuguesa'; 'Meio Século de Literatura Portuguesa (1880-1930)'; 'MIPL2.0 – Materiais Interativos para Português Língua Segunda na web 2.0'.

Estes cursos visam satisfazer as necessidades de formação da rede de professores do Ensino Português no Estrangeiro (EPE), nos níveis, pré-escolar, básico e secundário, cuja transferência para a tutela do Instituto Camões foi efetivada em fevereiro passado. Nesse sentido, o IC suporta a sua conta 50% da propina a pagar pelos docentes pela frequência do curso.

Os cursos, que darão créditos aos formandos para progressão na carreira, estão creditados junto do Conselho Científico-Pedagógico da Formação (CCPFC), entidade junto da qual o IC está registado como entidade formadora.

Dos restantes 12 cursos, 7 permitem a obtenção de ECTS (Sistema Europeu de Transferência de Créditos) através de parcerias com instituições universitárias. São eles: 'Tradução e Tecnologias de Informação Linguística' (Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa/FLUL), 'Ensino e Aprendizagem do Português Europeu Língua Segunda' (FLUL), 'Estudos Pós-Coloniais: Atlânticos Sul' (Universidade de Bolonha), 'Intercompreensão Linguística (Português, Espanhol, Francês)' (FLUL), 'Literatura Dramática Portuguesa Contemporânea' (FLUL), 'Patrimónios de Influência Portuguesa' (Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra) e 'Curso de especialização pós-graduado em Cultura Portuguesa Contemporânea' (Universidade Aberta).

Da carteira do CVC fazem ainda parte os cursos de 'Português para estrangeiros', níveis 1, 2 e 3, e os cursos de português para fins específicos – 'Laboratório de Escrita Criativa – Nível Avançado' e 'Laboratório de Escrita Jornalística'.

Nomeados novos coordenadores de ensino

A rede de coordenação do ensino português no estrangeiro (EPE) conta a partir de 1 de setembro com um novo elenco, o primeiro nomeado desde que o EPE transitou para a tutela do Instituto Camões (IC), em fevereiro. Os novos coordenadores vão ser responsáveis, pela primeira vez, não só pelo ensino pré-escolar, básico e secundário, como também pelo ensino superior, em resultado da junção da tutela destes quatro níveis no IC, legislada em julho de 2009 e posta em prática em fevereiro passado.

A 31 de agosto foram publicados em *Diário da República* os despachos conjuntos dos Ministérios

dos Negócios Estrangeiros e da Educação, nomeando em regime de comissão de serviço os novos coordenadores, que responderam ao «convite à manifestação de interesse para o exercício de funções de coordenador(a) do ensino português no estrangeiro», formulado a 18 de junho pelo IC.

Aos novos coordenadores era exigida, nomeadamente, «habilitação para a docência do português», «domínio da(s) língua (s) dos países abrangidos pelas estruturas de coordenação», «experiência profissional comprovada, especialmente em didáctica das línguas e na área de desenvolvimento curri-

cular para a língua materna e para a língua estrangeira», «conhecimentos de política externa portuguesa nas áreas da educação e da cultura» e «das políticas europeias e/ou dos países dos continentes americano e africano para o ensino das línguas», «capacidade de gerar ideias novas, de trabalho autónomo, de planeamento, organização, liderança e controlo», bem como de trabalho em equipa e de valorização da diversidade e da multiculturalidade.

A partir de agora, o EPE conta com novos responsáveis em 10 coordenações, a saber: África do Sul, Suazilândia e Namíbia (Rui Azevedo); Alemanha (Sílvia Melo-Pfeifer); Luxemburgo (Maria José Meira); Canadá (Ana Paula Tavares Santos Ribeiro); Espanha e Andorra (Filipa Soares); Estados Unidos da América (Fernanda Costa); França (Adelaide Cristóvão); Reino Unido (Maria José Veiga); Suíça

(Mariana Góis Neves) e Venezuela (Manuel Fontão), posto criado em 2006 no mapa de coordenações, mas pela primeira vez preenchido.

De acordo com a lei, as estruturas de coordenação do ensino português no estrangeiro são «unidades de supervisão, planificação e organização da rede de ensino de um país ou de um agrupamento geopolítico de países criadas, sempre que a dimensão e complexidade dessa rede o justifique, junto da respetiva missão diplomática ou consular». Estão dotadas de autonomia administrativa e são dirigidas por um coordenador.

A nomeação dos coordenadores em comissão de serviço foi explicada em 2009 pelo legislador pelo facto de esse regime permitir que «os cargos de coordenação tenham duração limitada, sejam rotativos, preenchidos com base no mérito curricular, potenciando a mobilidade interinstitucional de docentes».

Dockanema 2010 Reflexões sobre história do cinema em Moçambique

«48 (Portugal, 2009), um filme de Susana de Sousa Dias, abriu a 5ª edição do Dockanema, o festival do filme documental de Moçambique, que é já uma referência do género e que voltou a ter uma presença significativa de obras de cineastas portuguesas na sua secção 'janela aberta', a par da participação de Sílvia Vieira e de Catarina Simões (esta com o apoio do Instituto Camões), como oradores convidados, num simpósio internacional paralelo, que refletiu sobre a História do Cinema em Moçambique.

A obra da cineasta portuguesa, galardoada este ano no Grande Prémio do Festival Cinéma du Réel (Paris), um dos mais importantes do mundo, parte de um núcleo de fotografias de cadastro de prisioneiros políticos da ditadura portuguesa (1926-1974), procurando «mostrar os mecanismos através dos quais um sistema autoritário se tentou autopropetuar, durante 48 anos», de acordo com a sinopse da própria realizadora, nascida em 1962.

Ao todo, de 10 a 19 de setembro, foram exibidos no Dockanema 99 filmes (oriundos de 29 países, com destaque para Moçambique, França, Brasil e Portugal), que deram origem a outras tantas sessões realizadas em seis salas de Maputo,

a capital de Moçambique.

A cidade dos mortos (Portugal/Espanha, 2009), de Sérgio Tréfaut, Cinema, alguns cortes de censura (Portugal, 1990), de Manuel Mozos, Fantasia Lusitana (Portugal, 2010), de João Canijo, Fragmentos de um diário (Portugal, 2010), de Marcos Martins/André Príncipe, e Ilha da Cova da Moura (Portugal, 2010), de Rui Simões, foram as obras de realizadores portugueses integrantes da já habitual secção que pretende funcionar «como uma janela para o mundo, reunindo documentários que se destacam pela sua extensão cultural, política e social», segundo os organizadores.

Filmes de autores portugueses estiveram ainda representados noutras secções do festival dirigido desde 2006 por Pedro Pimenta, como foi o caso de O lendário "Tio Liceu" e os Ngola Rítmicos (Angola/Portugal, 2010), de Jorge António, na secção 'rítmos urbanos', e Cinema moçambicano: assim estamos livres (Portugal, 2010), de Sílvia Vieira e Bruno Silva, na secção 'o sal da terra'. Nesta secção, o Dockanema apresentou ao público «o maior número de documentários filmados em Moçambique desde o seu começo, contando com uma oferta de cerca de vinte filmes de realizadores locais e estrangeiros», tanto de autores consagrados como jovens.



48 (Portugal, 2009), de Susana de Sousa Dias

Uma seleção de obras de artistas portugueses e moçambicanos emergentes, de entre os quais se destacam Pedro Barateiro e Rita Sobral Campos ou David Aguacheiro, Idélio Vilankulos e Mário Macilau, a par de uma curta-metragem da jovem cineasta portuguesa Raquel Schefer, fez parte do evento paralelo 25 Frames por Segundo, promovido, à semelhança de 2009, pela Fundação PLMI, em parceria com a AVÍDEOARTE - Associação de Vídeo-arte de Moçambique.

As outras secções do festival - que apresentou uma retrospectiva da obra do holandês Joris Ivens, cineasta falecido em 1989 que foi um dos pioneiros do filme documental e que, com «sentido de insubmissão e justiça», «filmou o quotidiano e as utopias

dos homens» - foram 'come back Africa', dedicada aos 50 anos das independências africanas, e 'vuvuzela', tendo como pano de fundo o campeonato do mundo de futebol, realizado recentemente na vizinha África do Sul.

O simpósio internacional sobre a História do Cinema em Moçambique, realizado durante três dias em parceria com a Faculdade de Letras e Ciências Sociais (FLCS) da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), com a participação de especialistas de cinco países, teve como tema "Globalidade versus identidade: reflexões sobre a sua génese, contexto e influência para o entendimento do cinema contemporâneo".

Nos três painéis organizados, focou-se o período que vai «Dos

pioneiros do cinema à resistência política" e, mais além, as "Imagens em movimento como ato de cultura e vanguarda", na pós-independência. No último painel, o tópico foi "Apontamentos para uma cinematografia moçambicana".

«Durante alguns anos, do início de 70 até ao início de 1980, rapidamente Moçambique transformou-se num lugar chave no mapa mundial do cinema experimental e revolucionário. A complexidade e intensidade de que nos dá conta a génese do cinema moçambicano explica em grande medida o seu registo e referencialidade [a escala global]», referiram os organizadores do simpósio.

Catarina Simão, arquiteta e investigadora, abordou o tema a partir do seu projeto 'Fora de Campo', que se «propõe olhar o Arquivo de Cinema de Moçambique [em recuperação com o apoio da Cinemateca Portuguesa] através das práticas materiais, simbólicas e políticas da sua própria estrutura de memória». Já Sílvia Vieira, autora de um dos documentários exibidos no Dockanema, focou-se no cinema de ficção em Moçambique, de 1975 a 2010, a partir da «recolha, sistematização e análise de dados relativos aos filmes produzidos e entrevistas realizadas aos principais cineastas e produtores moçambicanos».

No dizer de Pedro Pimenta, «quando alcança a sua 5ª edição, o Dockanema não apenas está consolidado entre os principais eventos culturais» de Moçambique, «como vê confirmada a sua importância entre os espaços públicos devotos especificamente a uma expressão criativa - o documental».

Bienal de arte contemporânea em Maputo Muvart fiel à Rotura

«Fiel às posições do seu manifesto inaugural de 2002, em que reivindicou o direito e a capacidade dos artistas plásticos moçambicanos de «participarem na arena internacional, não como um simples espelho de uma África congelada dentro das suas tradições, mas como testemunho do mundo de hoje», o Muvart - Movimento de Arte Contemporânea de Moçambique - realiza a sua IV Bienal, em Maputo, até 3 de outubro, congregando 17 artistas de seis países, entre os quais Portugal.

Rotura e Desconversão, a exposição internacional de arte contemporânea organizada pelo Muvart, este ano integrada no 1º Festival Internacional de Artes Tunduro, e mostrada no Musart

(Museu Nacional de Arte), «pretende sensibilizar, teorizar e estimular a produção de arte contemporânea através da sua circulação dentro e fora do país», refere num curto texto de apresentação o artista plástico moçambicano Jorge Dias, o principal teorizador do movimento e putativo curador da exposição, que conta com o apoio do Instituto Camões, à semelhança do que aconteceu em iniciativas anteriores do movimento.

«Através de alguns artistas aqui apresentados, a exposição vem dar a conhecer o contorno que a arte contemporânea em Moçambique», considera Jorge Dias. «Estes trabalhos - acrescenta - estão virados para uma arte transnacional», «dialogam com universos



Fumadora, Frederico Morim

multiculturais» e este caráter está presente nas obras dos artistas plásticos moçambicanos, membros do Muvart ou não.

De Moçambique estão presentes os artistas do Muvart Sónia Sultuane, Maimuna Adam, Gemuce e Marcos Muthewuy, que questionam a dinâmica da produção artística e a sua teorização em Moçambique. Os artistas Titos Mabota, Gonçalo Mabunda, Branquinho,

Fornasini, Vinno Mussagi e Famos representam uma parte da produção artística que a organização considera significativa no panorama atual da arte no país. Estes artistas, diz Jorge Dias, «têm vindo a abrir mão de programas estéticos, matrizes nacionalistas e narrativas sócio/político/culturais por um percurso individual e subjetivo na produção das Artes Visuais nos dias de hoje. Os mesmos encontram

seus pares em outras geografias de matriz cultural diferente».

Entre estes pares está o artista plástico português Jorge Rocha, que participa na Bienal com o projeto de Culinária expansiva, que usa a internet como suporte da sua obra de arte. Do Brasil estão presentes as artistas Isa Bandeira e Vera de Albuquerque. Soledad Johansen, do Chile, a viver na cidade de Maputo, desenvolve atualmente um projeto intitulado Corpos Flexíveis. O artista plástico Fred Morim, de Angola, que também vive e produz em Maputo, apresenta trabalhos no âmbito do projeto Mundo 100 Valores. Dos Estados Unidos estão presentes Evans Plummer e Mike Bancroft, que trabalham num projeto em que questionam mecanismos e espaços de circulação da arte pública.

Assim, prossegue no campo das artes plásticas em Moçambique a «rotura [introduzida pelo Muvart] com o modernismo-colonial que imperou até ao final da década de 90 do século passado», na formulação usada em 2006 por António Pinto Ribeiro, professor, investigador e programador cultural.

Apoios à edição em 2011 Prioridade às línguas asiáticas

As línguas asiáticas terão prioridade em 2011 nos apoios do Instituto Camões (IC) à edição de obras de autores de língua portuguesa ou que versem sobre temas de língua e cultura portuguesa traduzidas para outros idiomas.

Esta intenção, declarada pela Presidente do IC, Ana Paula Laborinho, decorre da celebração dos 500 da chegada dos portugueses ao Extremo Oriente asiático, cujas comemorações estão a ser organizadas para o próximo ano por um grupo de trabalho interministerial, coordenado pelo Ministério dos Negócios Estrangeiros, com a participação do IC.

Entretanto, Luís de Camões, Fernando Pessoa, José Saramago e Mário Sá Carneiro figuram entre os autores clássicos portugueses, cuja tradução de obras foi apoiada em 2010 pelo IC, de acordo com os resultados do concurso comunicados às editoras em junho passado.

A lista das 15 obras contempladas (uma por editora, num universo de 53 candidaturas, de 36 editoras), relativa a 11 países, compreende ainda outros escritores como João de Melo, Gonçalo M. Tavares, José Luís Peixoto, Mário de Carvalho, Nuno Júdice, José Riço Direitinho, Teolinda Gersão e o angolano Ondjaki. O historiador José Hermano Saraiva viu também apoiada a tradução para húngaro da sua *História Concisa de Portugal*, numa edição da Universidade Eotvos Loránd, de Budapeste.

O país com maior número de edições apoiadas foi Marrocos, em consonância com a prioridade atribuída em 2010 pelo IC às obras editadas em língua árabe, «face à abertura de uma Licenciatura em Estudos Portugueses na Universidade de Rabat e a fim de promover a internacionalização da língua portuguesa em blocos geoestratégicos». Também à língua eslovena foi dada prioridade, considerando a nomeação de Liubliana como Capital do Livro em 2010.

Uma antologia de contos de Mário de Carvalho, publicada pela Warzazi Éditions, e uma antologia poética de Nuno Júdice, feita sair pela editora Dar Attaouhidi, foram traduzidas e publicadas em Marrocos com o apoio do IC, a par do romance de José Riço Direitinho, *Um sorriso inesperado* (Racines Editions). Todas estas traduções foram da responsabilidade de Said Benabdelouahed.

França, com Gonçalo M. Tavares e vários autores do livro *Le Mariage Parfumé e Autres Comptines Portugaises*, e Ucrânia, com Saramago e Camões, foram por outro lado os únicos países com mais do que uma obra apoiada (2) e o Nobel da Literatura de língua portuguesa foi o único autor com duas obras apoiadas, traduzidas na Roménia e na Ucrânia.

Na atribuição dos apoios, o IC tem em conta a capacidade de distribuição internacional da editora, bem como a edição de obras com a tiragem mínima de mil exemplares. Também o currículo dos tradutores é tido em conta. Nomes como Margaret Jull Costa, que deu a cara pela tradução para inglês de *A Árvore das Palavras*, de Teolinda Gersão (Dedalus), Pavla Lidmilová, que traduziu para checo *Cartas de Amizade, de Amor e de Magia*, de Fernando Pessoa (Ergo), ou Míoaara Caragea, que passou a romeno *A Viagem do Elefante*, de José Saramago (Polimor Publishing House) são garantia de qualidade.

Oliveira e Amália em Israel

O mais recente filme de Manoel de Oliveira, *O Estranho Caso de Angélica*, vai ser exibido no Festival Internacional de Cinema de Haifa, que se inicia a 23 de setembro, dias depois de uma retrospectiva da produção da última década do realizador português, apresentada na Cinemateca de Jerusalém, ter integrado a edição de 2010 da Semana de Cinema Português Contemporâneo em Israel.

'Manoel de Oliveira - entre os 90 e os 100' foi a designação escolhida para a mostra de filmes emblemáticos do realizador português nascido em 1908, e que incluiu *Palavra e Utopia* (2000), *Espelho Mágico* (2005) - filme parcialmente rodado em Israel -, *Belle Toujours* (2006) e *Cristóvão Colombo - O Enigma* (2007), película que despertou particular curiosidade em Israel.

Realizada todos os anos em setembro, nas cinematecas de Telavive, Jerusalém e Haifa, e com divulgação adicional noutras cinematecas do país, a Semana de Cinema Português foi inaugurada, a 13 de setembro, naquela primeira cidade israelita, com a estreia absoluta no país de *Amália - O Filme*, de Carlos Coelho da Silva. A película foi selecionada para a inauguração do evento pelas cinematecas israelitas e a atriz principal do filme, Sandra Barata Belo, foi convidada para estar presente nas três cidades.

Nos últimos anos, a presença em Israel de filmes assinados por alguns dos mais conceituados realizadores portugueses tem sido praticamente constante em sucessivos festivais internacionais, nomeadamente de Jerusalém e de Haifa, em boa medida graças à divulgação efetuada pela Embaixada de Portugal em Telavive através da Semana de Cinema Português, certame que teve este ano a sua 5ª edição consecutiva, com o apoio do Instituto Camões e do Instituto do Cinema e do Audiovisual, e que compreendeu alguns filmes que marcaram a produção nacional recente.

Evocar Malhoa no centenário do Museu Nacional de Belas Artes do Chile



Museu Nacional de Belas Artes do Chile

Em 1910, no 1º centenário da independência do Chile, Portugal esteve representado com um quadro de José Malhoa - *O Cavaleiro de Calatrava* - na exposição internacional inaugural do *Museo Nacional de Bellas Artes* (MNBA), em Santiago do Chile. Agora, Portugal está novamente presente na exposição alusiva ao bicentenário da independência e ao centenário do MNBA, que se prolonga até 7 de novembro, com um *site-specific*, isto é, «uma obra projetada para um espaço específico» do museu, intitulado *Pirataria e Estudos Sobre o Cavaleiro de Calatrava* (2010), de Francisco Vidal, com curadoria de Lúcia Marques.

O projeto, patrocinado pelo Instituto Camões (IC) e pela Embaixada de Portugal na capital chilena, tem vindo a ser preparado desde finais do ano 2008, com intervenção da leitora do IC na Universidade de Santiago do Chile, Natividade Lemos.

A instalação de Francisco Vidal está integrada na mostra com o título *Do Passado ao presente*.



Malhoa *Cavaleiro de Calatrava*

Migrações, uma reflexão sobre «as mudanças produzidas pela mobilidade dos grupos humanos no contexto da globalização» - um tema recorrente na arte contemporânea -, que apresenta as obras de 34 artistas, de 15 países da América, da Europa e do Extremo Oriente,

os mesmos que foram convidados para a exposição internacional de 1910, com que o MNBA «inaugurou o seu emblemático edifício», refere uma nota de imprensa sobre a mostra em curso.

Em simultâneo com as obras dos artistas contemporâneos, foi montada uma seleção das obras que fizeram parte da grande exposição internacional, realizada há cem anos no MNBA, e que foram doadas ou adquiridas pelo Estado chileno, passando a integrar a coleção do museu, entre as quais figura o quadro de Malhoa (1855-1933). Como refere, a nota de imprensa, «os artistas que participaram há cem anos (...) não foram protagonistas da chegada das primeiras vanguardas artísticas do século XX, mas eram membros do círculo oficial» das artes plásticas da época e autores de sucesso académico e comercial.

Segundo Lúcia Marques, a escultora de Francisco Vidal (n. 1978) teve em conta diversos fatores, como seja a sua experiência em intervenções *site-specific*, o facto de a obra deste jovem artista plástico já ter «abordado por diversas vezes o imaginário plástico de José Malhoa, conciliando-se ainda o conhecimento profundo do universo de Malhoa com diversas referências culturais associadas à sua própria biografia», como seja o ter estudado nas Caldas da Rainha, de onde era originário Malhoa, ter vivido em Berlim e residir em Nova Iorque, «sem esquecer o cruzamento, na sua própria biografia, de dois dos países com histórias migratórias mais expressivas: Cabo Verde e Angola». «Migrações, portanto: das histórias pesquissadas, das imagens que se encontraram e das ligações que se produziram, até chegarmos à vertigem da pirataria tão contemporânea de Francisco Vidal», conclui a curadora.



Instituto Camões

Rua Rodrigues Sampaio, 113
1150-279 Lisboa

TEL. 351+213 109 100
FAX. 351+213 143 987

www.instituto-camoes.pt
jlencarte@instituto-camoes.pt

PRESIDENTE Ana Paula Laborinho
COORDENAÇÃO Mário Filipe
COLABORAÇÃO Carlos Lobato;
Ricardo Neves